

O “Cinza” da modernidade: *múltiplos significados do lixo em Queimadas*

Simone Rodrigues passos

Eu era humano. É uma história estúpida! Antigamente este era um bonito campo florido. (...) As flores estão mutiladas. Não apenas as flores, os seres humanos, também. Olhe para mim, humanidade estúpida fez isso. Fez de nosso planeta um depósito para resíduos venenosos. A natureza desapareceu da Terra, a natureza que amávamos. Perdemos os pássaros, os animais, os peixes. Há algum tempo, vi uma lebre com duas caras, um pássaro com um olho só e um peixe com pêlos. Não há alimento! Comemos uns aos outros. Os mais fracos primeiro. Está chegando a minha vez ¹

INTORDUÇÃO

Esta pesquisa é um reencontro, pois tenho como pretensão observar costumes e hábitos relacionados ao lixo dos habitantes de um lugarejo chamado Queimadas, localizado na cidade de Viçosa do Ceará; cidade onde nasci e que há alguns anos deixei. Acompanhei as mudanças desse lugar ao longo do tempo através de visitas aos meus avós maternos que moravam lá. As visitas eram constantes, mas depois que meu avô morreu elas se tornaram mais escassas; o lugar não tinha mais a mesma graça, e toda vez que eu voltava, observava o quanto o lugar tinha mudado.

“Queimadas” localiza-se na Serra da Ibiapaba, a 375 km da capital Fortaleza. Antes de ter oficialmente esse nome, chamava-se Jatobá. Queimadas tem sua origem atrelada à existência de duas famílias: 1) os Frasas, que formaram o que hoje se chama Queimadas e 2) os Fostinos, que formaram a “Queimadas de dentro”. No que diz respeito às distancias geográficas, Queimadas de dentro e de fora são muito próximas, pertencem ao mesmo espaço; a divisão se dá apenas em virtude das famílias que as povoaram. A presente pesquisa se concentrará no lado onde os Frasas moram, o antigo Jatobá².

Seu João Frasa, um dos mais antigos moradores, afirma que o primeiro a “fazer família aqui” foi o seu avô João Honorato, por volta do que ele chama de “a era de 80”, de acordo com o que pude compreender essa data faz referencia ao séc. XIX. Primeiro filho de uma família de sete homens e quatro mulheres, seu João nasceu em 14

¹ “Sonhos - O Demônio Chorão” extraído do filme "Dreams" de Akira Kurosawa.

² Em *Iracema*, de José de Alencar, há uma referência a uma grande árvore real que “afrontava as árvores do mais alto píncaro da serra, e quando batido pela rajada, parecia varrer o céu com a imensa copa” (cap. 19). A árvore era “um frondoso jatobá”; a serra era a serra de Ibiapaba e o cenário, relata o próprio autor em suas notas de rodapé, é onde hoje fica Viçosa.

de fevereiro de 1928. Conta que a maior distância que já percorreu longe de sua casa foi até Fortaleza, e de passagem, num tempo em que o acesso à cidade de Canindé só era possível pela capital. “Era uma viagem de quase dois dias de pau-de-arara³”. (João Frاسas, setembro de 2007, registro do diário de campo). Seu João é casado com dona Raimunda, com quem teve nove filhos. Quase todos os filhos do casal residem nos arredores de sua casa. Os irmãos de seu João ainda estão vivos e também residem por lá. De irmãos, filhos, primos, sobrinhos, netos, bisnetos dessa família, forma-se a população desse lugar.

1 A “MODERNIDADE”

Lixo, do latim *Lix*, “cinzas”, no dicionário é denominado como “tudo que é velho, sujo e sem características de utilização”⁴; tecnicamente, são materiais descartados das atividades humanas.

Desde a Revolução Industrial na Inglaterra do século XVIII, as fábricas começaram a produzir objetos de consumo em larga escala e a introduzir novas embalagens no mercado, aumentando consideravelmente o volume e a diversidade de resíduos gerados nas áreas urbanas.

Em janeiro de 2008, a cidade italiana de Nápoles convoca o exército para ajudar a remover montanhas de lixo das escolas e ruas. Nápoles tem hoje todos os seus reservatórios de lixo lotados em capacidade máxima. Todos os espaços estão tomados. Nos pontos de ônibus, os motoristas não param porque não existe espaço, o turismo diminui. Não há mais lugar para abrigar os restos imortais da Itália moderna. Um funcionário da limpeza pública comenta que recolhe uma parte do lixo das ruas, mas não sabe que destino dará a ele. Muitas escolas que deviam ter retomado as aulas depois das férias de natal continuaram fechadas por motivo de saúde pública. Parte do lixo italiano foi exportada para outro lugar — solução apenas paliativa para reduzir as porções de resíduos nas ruas, pois para cada tonelada a que encontram solução, duas outras toneladas já terão sido geradas por todos os setores, em todos os lugares: hospitais, fábricas e casas. (Folha de S. Paulo, 11/01/2008)

³ Caminhão em cuja boléia instalam-se bancos de madeira sob uma lona sustentada por madeirite e que serve de meio de transporte, principalmente em comunidades rurais.

⁴ AURÉLIO, Buarque de H. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: O Minidicionário da língua Portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

A situação que se ilustra na Itália não é única, é realidade mundial. O que chama a atenção, o que há de particular é esta “coincidência” histórica: aquela que um dia foi palco glorioso do alvorecer da cidade moderna renascentista, é a primeira a pedir “socorro” publicamente e a declarar mundialmente a crise pela qual vem passando. Falar da atual situação italiana é uma forma de relacionar a produção de lixo ao contexto da vida moderna, uma espécie de relação de causa-consequência resultante de um longo processo de mudanças na forma de pensar e tratar o mundo, criando e re-criando uma teia ampla de significados em torno dessa relação. Pude perceber, por exemplo, que a “modernização” de Queimadas provocou re-significações na utilização do tempo e dos espaços da comunidade. Essas re-significações vão da mudança do horário de dormir à maneira como são feitas as refeições, passando pela utilização do terreiro⁵ para outros fins que não o de plantar, aproveitando-o como depósito de lixo. Não percebo, na fala dos moradores, a idéia de “modernidade”; essa expressão sequer é por eles utilizada. “Modernidade” é uma categoria elegida pelo pesquisador para caracterizar o sentido das mudanças que ocorreram em Queimadas, que abrangem a substituição de objetos e comportamentos.

Antes de se concretizar materialmente, a modernidade foi experimentada em um plano ideológico, ou seja, imaterial. Portanto, na tentativa de notificar os primeiros sinais desse processo de re-significação, que acabou por abstrair o homem da natureza, começarei por pensar o homem moderno a partir do Renascimento e de sua oposição ao homem medievo; assistindo no homem quinhentista os primeiros passos para a construção do homem do século XXI.

“A Itália apresenta a forma mais bela e harmoniosa da renascença”⁶. Área portuária, ponto de encontro entre os comerciantes desde a Civilização Romana, a Itália já respirava ares citadinos há tempos. Desde o século XIII, em que o homem italiano, buscando um referencial mais citadino para as suas construções sociais e organiza-se de maneira oposta ao homem medievo, ou seja, o homem do campo. O solo italiano encontrava-se preparado para abrigar a humanidade que (re)nascia.

O homem renascentista considera que, só inserido dentro do contexto da cidade livre de um comportamento rural, é que pode atingir as mudanças necessárias para a transformação da realidade, para o domínio dos recursos naturais.

⁵ Espaço aberto na frente ou nos fundos da casa, uma espécie de quintal.

⁶ AUERBACH, Erich. **Introdução ao Estudos Literários**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 159.

Simmel (1967) entende que a cidade tem um ritmo diferente daquele do campo, ritmo esse que vem refletir diretamente na maneira com que o homem urbano entende e lida com o mundo a sua volta. Em um primeiro momento — no sentido da transição do homem do campo (que representava o medieval) para o homem urbano (que representava o moderno), talvez essa dicotomia tenha sido possível, mas hoje, no atual momento de concretização dos desígnios de abstração que recai sobre o homem moderno, talvez não seja possível um homem rural puro, livre da influência do comportamento do homem urbano e vice-versa, principalmente por conta dos meios de comunicação de massa.

O retorno a uma organização helênica, como almejava o homem do Renascimento, momento que converge com o desenvolvimento do que Weber chamou de “cidade-estado do Ocidente renascentista europeu”⁷, ou simplesmente, a cidade moderna, fazia-se em todos os aspectos da vida, em tudo que abarcava os fazeres humanos; e o palco para essas mudanças não poderia ser o campo, a Europa agrária medieval.

Por quê?

Porque além da enraizada visão religiosa, aquele que se guardava na organização social dos feudos não trazia em si a gana pelo comércio. Não havia, na Idade Média, uma produção de bens que não fosse da necessidade local. A agricultura era de subsistência: plantava-se para comer e só o excedente (quando o havia) era comercializado com outros feudos. O homem medieval, portanto, encontrava-se enraizado à terra; unido coletivamente pelas tradições religiosas.

A modernidade desenraiza o homem, torna-o de qualquer lugar, pois o que garantia sua unidade, a coletividade, dilui-se. As indagações são mais amplas e os desassossegos também. As respostas agora são geradas também pela ciência. “O real está escrito em caracteres matemáticos”, afirma Galileu, “e quem não souber matemática não poderá ter acesso à ‘compreensão’ da natureza”⁸. É a racionalização do ser humano e daquilo que o cerca, criando pólos: o homem racional e o que ele trata de chamar de irracional: a natureza e os animais como parte dela.

⁷ *Apud* REIS, Nestor Goulart. **Evolução Urbana do Brasil (1500-1720)**. Em <http://www.usp.br/fan/dephistoria/lap/puevourb.html>. Acesso em: 18 de março de 2008.

⁸ GIOIA, Sílvia Catarina. A razão, a experiência e a construção de um universo geométrico: Galileu Galilei, In: **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro/São Paulo: Espaço Tempo/EDUC, 1988. P. 175-189.

Esse turbilhão que começa a envolver o homem naquele já longínquo alvorecer da Razão era o que Berman (1986) chamou de “Primeira Modernidade”⁹. Ali, segundo ele, as pessoas “mal fazem idéia do que as atingiu”¹⁰, da atmosfera que se formava e que trazia já em si o racionalismo, a objetividade, firmando o individualismo que abandona a coletividade medieval. Era o início da mentalidade moderna que ainda acomodava-se, que cavava os espaços que iriam garantir o novo mundo.

O homem do Renascimento agora conhece o tempo, o relógio. A rapidez é a mola que o move nessa nova estrutura. Camões, poeta do século XVI, é quem dá notícia desse sentimento do homem moderno em um de seus sonetos.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades¹¹.

Uma nova relação homem-mundo, homem-natureza começa a ser implantada. O Humanismo do século XIV-XV planta as sementes que germinam no Renascimento, donde brotam os frutos colhidos na Revolução Industrial, pré-requisito para a Revolução Liberal de 1789, que implantará no mundo Ocidental o modo de vida das cidades atuais. Esse modo de vida foi estimulado materialmente pela substituição do modo de produção feudal para o modo de produção industrial / capitalista

Wheling (1999)¹² diz que no século XVI, os núcleos urbanos eram frequentemente, meros prolongamentos do campo, não sendo correto admitir-se uma dicotomia cidade-campo já nessa época, como a que viria a ocorrer após a Revolução Industrial. Aos poucos, as relações primordiais desse período iam se diluindo. Porém, as relações de troca, o acúmulo de bens, o capital que irá subsidiar a criação das indústrias tem o seu início já nos feudos, com o acúmulo de mercadorias e depois com a invenção de um sistema de troca baseado no dinheiro¹³. Quem acumulou esses bens foram os burgueses, que já lidavam com o comércio, pois foram pessoas que habitaram os burgos localizados entre um feudo e outro para facilitar esse sistema de trocas. Essa burguesia

⁹ BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 1986. p. 16.

¹⁰ Ibid., loc. cit.

¹¹ Em: <http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/v356.txt>. Acesso em: 20 abril 2008.

¹² WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. M. **Formação do Brasil Colonial**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

¹³ Anterior à criação da moeda, a quantidade de terras que possuísse um indivíduo é que determinaria o tamanho de sua riqueza.

que aí começa é quem irá garantir investimentos no sistema industrial, que abarcará os camponeses livres, sem propriedade.

A natureza, fonte primordial de vida, de onde o homem medieval tirava seu sustento, já não é tão valorizada. O homem é convidado a se colocar ao centro, a ser o seu próprio senhor, criando um novo tipo de humanidade.

É o tempo do homem que não mais espera, que tende, por seus próprios esforços, a dominar os recursos da natureza e utilizá-los em busca de uma felicidade material, uma vida feliz aqui mesmo na terra, sem esperar pelas recompensas do pós-morte, como prometia a Igreja¹⁴.

Iniciava assim o Homem Renascentista, a desatar os nós com o homem medieval e sua forma de pensar e agir sobre o mundo, que perdura até hoje.

Farias Brito, filósofo cearense de São Benedito, num livro publicado em 1912, diz que quando alguém lhe falava nas maravilhas da civilização moderna e lhe lembrava “o telégrafo, a eletricidade, o vapor, a navegação aérea etc, não posso deixar de comover-me, reconhecendo que vai realmente a passos de gigante o domínio sobre a natureza”¹⁵.

Esse momento Berman (1986) chama de “Segunda Modernidade”¹⁶, como se aqui as pessoas já tivessem sentindo as mudanças que acompanhavam uma nova forma de produzir os bens e que refletiriam em todos os aspectos da vida humana.

A visão antropocêntrica plantada no Humanismo e no Renascimento se concretiza, trazendo o homem, de forma irremediável, para o centro, opondo-se à natureza e transformando-a em coisa. A fábrica gera um novo panorama na observação das relações sociais, o relógio, a divisão de classes, a implementação de um novo sistema, resultado de um longo processo entre uma organização dita feudal (terra), para uma organização capital (dinheiro).

Essa concepção atinge não só o mundo das idéias, mas a vida prática. Simmel (1967) diz que “A exatidão calculista da vida prática, que a economia do dinheiro criou, corresponde ao ideal da ciência natural: o de transformar o mundo num problema aritmético, dispor todas as partes do mundo por meio de fórmulas matemáticas”¹⁷.

No conto “Recado ao Senhor 903”, Rubem Braga retrata com ironia essa característica da cidade moderna. No conto, o seu vizinho do apartamento de baixo

¹⁴ AUERBACH, op. cit., p. 148.

¹⁵ BRITO, Farias. **A base física do Espírito**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953. p. 32.

¹⁶ BERMAN, M. loc. cit.

¹⁷ SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental” In : Velho, Otávio Guilherme(org). **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar ed, 1967. p. 14.

reclama por diversas vezes do barulho que ele, vizinho de cima, faz durante a madrugada. O conto, na verdade, é uma carta onde o autor pede desculpas ao vizinho, ao que ele então diz

Quem trabalha o dia inteiro tem direito a repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e músicas no 1003. Ou melhor: é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números, dois números empilhados entre dezenas de outros. Eu, 1003, me limito a Leste pelo 1005, a Oeste pelo 1001, ao Sul pelo Oceano Atlântico, ao Norte pelo 1004, ao alto pelo 1103 e embaixo pelo 903 – que é o senhor. (...) Prometo. Quem vier à minha casa (perdão: ao meu número) será convidado a se retirar às 21h45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22h às 7h pois às 8h15 deve deixar o 903 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada.¹⁸

Essa nova necessidade marca uma mudança ampla na forma de pensar e tratar o mundo: significa o primeiro passo do deslocamento¹⁹ do homem da natureza, provocando o fenômeno que Simone Weil chama de “desenraizamento”²⁰, como consequência maior da modernidade que desenraiza as coisas, as gentes e as idéias. O que primeiro parecia ser privilégio dos grandes centros alcança as cidades pequenas e seus espaços rurais.

2 QUEIMADAS

Queimadas é um lugar de clima quente, apesar de ser localizado na Serra de Ibiapaba. Uma via de três quilômetros a separa da estrada que liga a sede do município de Viçosa à cidade de Tianguá. Uma areia branquinha recobria esse caminho, que percorri por toda a minha infância, á essa época, o caminho era sempre silencioso e o chão de areia fofa queimava os pés nos chinelos de borracha. Acima, o sol, impossível de se ver. Um sol tátil que pintava a pele de vermelho. Incandescente, sem trégua. O ar queimava as ventas e para onde eu olhava, mato seco. Além da cerca, cajueiros distantes. A sombra, mais além ainda. O caminho cercado ia ao longe, e a estrada que me levava ao lugar pesava nos pés no calor quase insuportável da caminhada. A luz queimava os olhos.

¹⁸ Rubem Braga. "Para gostar de ler". São Paulo: Ática, 1991.

¹⁹ O conceito de “deslocamento” é trabalhado por Lourdes Carril em **O moderno e o descolamento da natureza**. Relatório de Qualificação de Doutorado pelo Programa de pós-graduação em Geografia Humana pela USP- novembro de 2002.

²⁰ *Apud* BOSI, Ecléa. “Cultura e desenraizamento”. In: BOSI, Alfredo.(org.).**Cultura Brasileira**: temas e situações. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

Hoje, a areia foi substituída por piçarra, que, mais resistente à chuva, facilita a passagem dos moradores durante o inverno. O caminho é cercado dos dois lados. Mas o que está demarcado pelas cercas não é o caminho, o caminho está fora. A cerca separa terrenos particulares sombreados de pequenas árvores retorcidas, cajueiros que amenizariam a caminhada, não estivessem distantes do caminho, porque a sombra fica dentro. Do lado de fora da cerca, o sol, alto, forte.

Mas não foi silêncio pra sempre. Havia um bafo forte e quente do vento que passava pelos ouvidos. Na cerca, pendurado na solidão daquelas veredas, um saco. Como descrever o barulho de um saco preso numa cerca ao vento, no meio do silêncio? Uma imagem nova, um novo som, em um lugar antigo em minha memória. A cerca se finda no cemitério, de onde se avistam as primeiras casas, distantes, dispersas entre si.

À medida que avançamos nesse caminho, as casas vão se aproximando umas das outras e, mais adiante, encontramos algumas de meia-parede²¹, à maneira das pequenas casas dos conjuntos habitacionais da periferia das grandes cidades. Mal se avistam as casas, já se escuta o som alto dos rádios e aparelhos de som vindos das bodegas e casas que se mistura ao barulho das crianças correndo descalças, a qualquer horário, vestidas com calções abaixo do umbigo, deixando à mostra a barriga crescida, o ventre inchado.

Em sua maioria, as habitações são quase iguais: construções de alvenaria com telhados baixos, portas e janelas estreitas. Em algumas casas, a janela da frente é muito desproporcional ao tamanho da porta, de tão pequenas que são. Uma arquitetura imprópria para um clima nada aprazível.

Em Queimadas, entre uma casa e outra, o lixo se acumula, adentrando os roçados e plantações mais próximas das residências. Nas cercas, sacos ficam presos, movimentando-se com naturalidade como se desde sempre estivessem ali, como se sempre houvessem existido.

Quando entramos na residência de seu João Frasas, na primeira sala, visualizamos uma estante com a televisão, o receptor da antena parabólica e um aparelho de som. Isso se repete na maioria das casas, por mais humildes que sejam. Os quartos da casa de seu João são de meia-parede e sem janelas, como em outras do lugarejo, ainda que os quartos estejam voltados para um terreno aberto, sem outras construções próximas. A cozinha, também pouco arejada, ainda com um antigo fogão a lenha, acompanhado de um fogão a gás.

²¹ Uma mesma parede sustentando duas casas construídas em lados opostos.

A estrutura precária e rudimentar das casas da localidade de Queimadas dialoga com símbolos do “desenvolvimento”, do que chamo de moderno: geladeiras, ferros-de-passar elétricos, fogões a gás, televisores, antenas parabólicas e todos os outros traços dessa verdadeira inserção da comunidade na grande “Era dos Descartáveis.”

Foi a partir da observação de tais mudanças ocorridas nesse ambiente que percebi o pior dos seus lados: junto com a chegada de eletrodomésticos, meios de transporte motorizados, e a ampliação do cardápio alimentar — com a inserção de produtos industrializados— pude perceber que vinha também o aumento de resíduos descartáveis desse consumo. Acompanhar esse processo me despertou para tentar entender como as pessoas do lugar lidam e se relacionam com o que chamo de consequência da “modernidade”, o lixo.

Para tentar entender as relações entre lixo e **homem \ mulher** em Queimadas, tenho me aproximado dessa realidade através de visitas à casa de minha avó — que reside no local—, ocorridas com mais frequência nos finais de semana, pois moro na cidade de Sobral, a 120 km do ambiente da pesquisa. Estive presente em outras situações, que vão além dos finais de semana; poucas vezes, entretanto: apenas em momentos que julguei especiais, como os dias de farinhada, que ocorrem normalmente às quintas feiras.²²

Minha presença em Queimadas não é nova. Como dito anteriormente, não foi a pesquisa que me levou até lá, e sim a minha vivência no local, que me direcionou para a pesquisa. Quando visito as casas, sou tratada como neta de Maria²³. Minha avó se tornou meu cartão de visitas, situação que de certa forma me ajudou na aproximação com os moradores e tem facilitado nossos diálogos, pois eles não me tratam como pesquisadora, como alguém que vem “de fora”.

Como estratégia metodológica, tenho me dedicado mais a conversas com os moradores mais antigos, mais velhos, caso de dona Raimunda e seu João Frاسas. Tenho a maioria das conversas registradas no diário de campo. Percebi que o uso de um gravador, nesse primeiro momento, não se faria necessário, pois nos momentos que tentei utilizá-lo, observei certo incômodo por parte dessas pessoas, causada pela presença do instrumento. Até o presente momento não solicitei de nenhum deles alguma entrevista “formal”. Minhas observações partem do convívio informal com essas

²² Na continuação da pesquisa pretendo tornar minha presença em Queimadas também assídua durante dias de semana para preencher a lacuna de minha atual indisponibilidade em relação ao tempo de permanência em campo.

²³ Nome de minha Avó que trato como salvo conduto do trabalho de campo.

peessoas, almoçando na casa de um e de outro, participando dos dias de farinhada e até acompanhando-lhes em visitas à cidade de Viçosa, quando iam fazer compras, principalmente nos primeiros dias úteis do mês que é quando alguns recebem benefício do Instituto Nacional do Seguro Social, INSS.

A escolha de tratar com os moradores mais antigos deve-se ao fato de que essas pessoas acompanharam, ao longo de sua própria trajetória de vida, as mudanças ocorridas na comunidade, tendo, portanto, uma vivência do que foi Queimadas antes do lixo e do que ela é hoje, depois do lixo. Eles se configuram como a primeira lente pela qual tento perceber as expressões e significados do lixo para a comunidade, sem perder de vista o comportamento de outros moradores, diante dos resíduos que produzem.

Ao observar os tipos de resíduos, notei que o montante de lixo adivinha de embalagens, em sua maioria de produtos alimentares e de limpeza. Dessa forma, direcionei também o olhar para os comerciantes de dentro e fora de Queimadas, para me inteirar do que os fregueses desses espaços levam para casa. Assim, entrevistei alguns donos de mercearias de Viçosa e de Queimadas no intuito de perceber as preferências alimentícias dessas pessoas, para tentar fazer relação com a origem e o tipo de lixo que se acomoda na paisagem desse ambiente.

3 LIXO, EXPRESSÕES e RE-SIGNIFICAÇÕES

Depois que comecei a perceber a forte presença do lixo em Queimadas, comecei a pensar como essa comunidade se relaciona com esse novo elemento, partindo do ponto de que lá, diferentemente da cidade, as pessoas estavam habituadas à sua presença, como se fosse uma condição natural desse ambiente. Apesar do processo de globalização ter aproximado mais o ambiente do campo ao da cidade em muitos aspectos, a preocupação com a relação lixo-e-homem ainda privilegia o ambiente citadino.

Quando pensamos em ambientes rurais, no campo, dificilmente o associamos ao lixo. É como se lá a vida fosse um tanto mais natural que a da cidade. E não é só o lixo que parece ausente do imaginário sobre o rural. O homem do campo parece ser aquele que está mais ligado à terra, que mantém uma ligação mais estreita com ela materializada no ato de plantar e colher os alimentos.

Esse imaginário talvez seja resquício do processo de transição do modo de produção feudal para o capitalista, analisado por Maria Eliza Mazzili e Sílvia Catarina

Gioia, no artigo “Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição”²⁴. Dizem as autoras que, no momento em que as cidades se definem como locais de comércio, define-se também o papel do espaço rural: este último seria destinado apenas para a manutenção da cidade, na produção de alimentos, e a cidade, o lugar onde se realizam as atividades menos ligadas à terra e mais direcionadas ao comércio.

A alimentação é um outro fator que aproxima a paisagem rural do natural como se quem lá vive mantivesse uma vida mais saudável, se alimentasse melhor que o habitante citadino. Uma visão estereotipada tanto da vida rural como da vida na cidade.

Uma pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), do mestrado em Zootecnia (ver fonte) acompanha a produção de hortaliças de uma comunidade próxima a Sobral para auxiliar os produtores no controle de inseticidas nas plantações. O que a pesquisa constatou é que os próprios agricultores não consomem o que plantam, preferem alimentos industrializados. Ao serem questionados por essa ação, a justificativa é de que não comem o fruto do plantio porque está contaminado pela quantidade de agrotóxicos e pesticidas utilizados para proteger a safra do ataque de insetos. Para mim, essa condição dilui o estereótipo de que lugares afastados da área urbana levariam uma vida extremamente natural.

Aos poucos o lixo parece tornar-se comum à paisagem de Queimadas. Para compreender esse “tornar-se comum”, julguei necessário entender o que havia impulsionado a sua presença cada vez mais marcante. E entender isso era, portanto, conhecer as modificações que ocorreram nas pessoas que lá residem, na forma de lidar com seu espaço; mudanças que trouxeram consigo esse novo elemento.

Em uma das visitas à casa de seu João Frاسas, eu observava os móveis e tentava entender a relação que eles mantinham com uma ordem que parecia há muito tempo não ser modificada, que mesclava o novo cercado pelos aparatos dos eletrodomésticos, com velhos traços de uma vida rudimentar, o fogão a lenha, por exemplo. Na cozinha, sobre a mesa, havia latas de leite e de margarina. As embalagens dessas mercadorias são muitas vezes, reaproveitadas como depósitos de outros produtos. Rótulos já desbotados demonstravam o longo tempo em que elas já estavam ali.

Num momento em que escrevia sobre as minhas impressões, o vento levantou aos nossos olhos uma brilhante sacola de plástico e, como que em um susto, dona

²⁴ PEREIRA, Maria Eliza Mazzilli; GIOIA, Sílvia Catarina. “Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição”. In: ANDERY, Maria Amália et al. **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica** Rio de Janeiro/São Paulo: Espaço Tempo/EDUC, 1988. P. 157-174.

Raimunda levantou-se da rede de tucum e pediu para sua neta “ir ver” pra ela aquela sacola. Mas o vento a levara para longe. Dona Raimunda, esposa do seu João Frasa, guarda todos os sacos plásticos onde traz os produtos recém-comprados no armazém, lavados e dobrados; ação que rompe com a própria utilidade desses materiais: o de uso rápido e momentâneo. Segundo ela, “os sacos vão servir pra alguma coisa” algum dia. Esse cuidado com o que para muitos é descartável, sem possibilidade de reaproveitamento, despertou minha atenção para o significado de “material descartável” para essas pessoas, que prolongam a vida útil desses objetos atribuindo-lhes outras funções, como a velha lata de leite em pó já enferrujada, onde ela guarda café moído; ou a empoeirada vasilha de margarina que ela mantém sobre a mesa, como se em algum momento fosse vir a ter serventia.

Essa ação poderia caracterizar sua consciência de reaproveitamento de produtos descartáveis, mas pelo que pude perceber, esse comportamento é comum entre os moradores mais velhos. É uma espécie de “instinto” de conservação que não é estimulado por fatores externos como campanhas publicitárias em prol do meio ambiente, não parece ser uma consciência ambiental, mas resquícios de um sentido de conservação necessário em épocas de escassez e que se prolongam no momento atual. No discurso dos moradores, o momento atual é apontando como menos árduo se comparado a outras épocas por eles vivenciadas. Essas pessoas valorizam aquilo que adquirem, mesmo que essa aquisição seja uma simples sacola plástica, pois mantêm uma relação constante com o passado materializado nas dificuldades de se consumir produtos hoje tão comuns, como o café já torrado e moído, por exemplo, ou utensílios simples que auxiliam no cotidiano dos lares, como utensílios de cozinha, que podem ser comprados ao preço de um real em qualquer loja de importados.²⁵

Têm se tornado cada vez mais comuns campanhas de conscientização quanto ao uso racional de produtos descartáveis: embalagens, sacolas e tudo que retorna rapidamente ao meio ambiente como lixo. É o caso de uma rede de super-mercado nordestina, que, no dia 01 de março de 2008, iniciou uma campanha com o intuito de diminuir o consumo de sacolas plásticas descartáveis. Para tanto, o estabelecimento deixa à disposição dos clientes uma sacola retornável, feita de estopa, bastante resistente, comprada a um valor de R\$ 1,99. Ainda como parte da campanha, foram produzidos cartazes de sensibilização para com a situação do Planeta contendo a frase

²⁵ Esses estabelecimentos são normalmente reconhecidos como “Lojas de 1 Real”, dada a característica da maioria de seus produtos serem adquiridos por esse valor.

“Você acha que o planeta pode ser salvo?”. E ainda comerciais de TV, com artistas populares em nosso estado apresentando a mesma proposta de sensibilização para os problemas ambientais causados pelo lixo que produzimos.

Essas duas situações ilustram significados diferentes no que se refere ao tratamento para com o consumo e o destino que damos a objetos descartáveis. Dona Raimunda mantém, em sua ação de lavar e guardar as sacolas, um comportamento que se assemelha a uma consciência da necessidade de conservação do meio ambiente. No entanto, o estímulo para tal comportamento não é gerado por qualquer tipo de fator externo como comerciais e campanhas publicitárias; esse comportamento parece obedecer a um fator interno: sua própria trajetória de vida marcada e simbolizada pela escassez, criando uma espécie de valorização desses objetos que parecem representar, para esses indivíduos, as facilidades da “vida moderna”.

O trabalho de campo me levou a perceber três impulsionadores da constante presença do lixo em Queimadas nos últimos anos. O fator primeiro é o aumento do número de casas de farinha, possibilitado por outros dois fatores que considero também importantes: o aparecimento da água encanada e a chegada da energia elétrica.

A energia elétrica e a água encanada automatizaram a produção de farinha tornando o processo de produção mais dinâmico, o que, por sua vez, aumentou a oferta de trabalho e o poder de compra dos moradores, havendo assim o aquecimento da economia local. A união desses três fatores pode ser responsável por subsidiar novos estilos de vida que, por sua vez, trazem como consequência o aparecimento do elemento que considero fruto desse processo da “modernização” na vida dessas pessoas, o lixo.

Aqui a modernidade é entendida como um momento histórico vivenciado pelo homem, fruto de uma concepção de mundo que tem orientado o seu comportamento diante de si e dos outros, e diante do que determinei chamar de consequência da modernidade: o lixo. Ao longo da pesquisa tentarei fundamentar essa discussão a partir do diálogo com autores que têm se preocupado em entender esse momento, e que têm tentando desvendar seus sabores e dissabores.

3.1 AS CASAS DE FARINHA

A principal fonte de renda da comunidade gira em torno da mandioca e seus derivados. Há muito tempo esse é um produto bastante cultivado na região, data das comunidades indígenas que habitavam a Ibiapaba. Nos últimos quatro anos, porém, sua

produção tem aumentado consideravelmente, pois o número de casas de farinha cresceu bastante, tornando-se, nesse curto tempo, a principal atividade econômica da região. As monoculturas de feijão e milho também existem, mas são direcionadas ao complemento da alimentação dos moradores. Cajueiros enfeitam os espaços com seus galhos longos e retorcidos e, além de servirem de apoio para o balanço das crianças, também complementam a renda em épocas de safra com a venda do caju e da castanha.

A Casa de Farinha é o local onde a mandioca é tratada. É uma fábrica artesanal de caráter familiar não só pelo modo de produção e por quem nela atua, mas também pela própria paisagem desse espaço que, sem paredes ou trancas, e construído bem próximo da casa de seus proprietários, configura-se como uma extensão da vida familiar; por onde passeiam crianças, animais domésticos, e vizinhos, que, mesmo não envolvidos diretamente no feitiço da farinha, podem se aproximar, conversar e ajudar no trabalho; coletividade essa provavelmente traço dos antigos modos de se produzir a farinha herdados da cultura indígena.

É um espaço normalmente um pouco recuado das residências, mas dentro de uma mesma propriedade. Um galpão pequeno coberto de telhas sustentado por algumas colunas, de madeira ou alvenaria, sem paredes. Dentro, é construído o secador de farinha, aquecido por um forno à lenha que lhe fica por baixo. Construção muito artesanal, o que remete novamente a essa herança. Há, ainda, um moedor que tritura a mandioca, semelhante a forrageiras utilizadas na tritura da comida para o gado. Sentados em pequenos bancos de madeira rentes ao chão batido ou de cimento queimado, encontram-se os responsáveis por descascar a mandioca; normalmente crianças e mulheres que cantam, conversam e dividem entre si os últimos acontecimentos do lugar.

Nesse mesmo chão, ficam alguns tachos feitos de pneus. A esses, somam-se tachos também de plástico, que irão servir de descanso para o líquido retirado da moagem da mandioca, que dará origem à goma. Os tachos de pneu também servem para acumular água em casa trazida por jumentos em um recipiente também feito de pneu, a ancoretta, que depois de um tempo passou a concorrer com baldes e bacias de plástico; convivendo assim, num mesmo espaço, a “tradição” e a “modernidade”²⁶. Depois desse processo, essa goma será lavada em coadores feitos de pano, amarrados a tocos de madeira em uma altura de mais ou menos um metro.

²⁶ Essas duas categorias são entendidas como uma dicotomia que precisa ser definida, para tanto tentarei preencher essa lacuna teórica, através da utilização de autores que discutam a respeito do assunto.

Hoje, existem no local cerca de 70 (setenta) casas de farinha onde são produzidos cerca de 3.000 litros de farinha e o dobro de goma por mês; quantidade essa medida através do que eles chamam de sacas. Cada uma dessas sacas contém de 60kg a 70kg do produto. As plantações locais não conseguem abastecer essa produção, o que obriga os produtores a comprar safras de mandioca de outras comunidades, até de outros Estados. O proprietário de uma dessas casas informou que entram na região cerca de 60 (sessenta) cargas de mandioca por semana.

Dois acontecimentos exerceram influência direta no aumento do número de casas de farinha em Queimadas; 1) A construção de uma caixa d'água, que hoje leva água encanada para quase todas as casas que antes só contavam com a água de poços profundos e de olhos d'água. “Do cacimbão a gente tirava a água de gastar e do olho d'água, a de beber” (João Frasa, setembro de 2007, registro do diário de campo). O acesso fácil à água foi um dos fatores que incentivou o aumento da construção de novas casas de tratamento da mandioca, porque no processo de produção, principalmente da goma (polvilho) — produto de maior lucratividade —, há grande consumo de água; 2) A chegada da energia elétrica, que otimizou ainda mais os trabalhos, substituindo as moedeiras de mandioca movidas a óleo diesel por motores movidos a eletricidade. Ligada ainda à chegada da luz elétrica está a iluminação das próprias casas de farinha, o que fez com que as farinhadas²⁷ pudessem acontecer também durante a noite, entrando pela madrugada adentro, com maior produtividade. As lâmpadas tornaram o trabalho mais confortável e seguro; antes realizado sob a luz de lamparinas e lampiões, o que tornava o trabalho mais lento, haja vista a necessidade de maior acuidade no serviço e que, portanto, demandava mais tempo.

Esse aumento trouxe benefícios para o lugarejo, principalmente na oferta de trabalho, o que aumentou o poder de compra das famílias ao ponto de chamarem a goma de “ouro branco”. As mudanças se configuram no meio físico com o aparecimento de meios de transporte como a moto, que fez desaparecer, quase que por completo, o uso de animais de locomoção como cavalos, jumentos e carroças, antes utilizados também para carregar água, quando não havia água encanada. Essas mudanças vão assemelhando cada vez mais os ares do lugarejo aos espaços das cidades. Semelhança essa que Simmel não pode prever na primeira edição de seu “A metrópole e a vida mental”, de 1902, momento em que ainda era nítida, em que se conseguia estabelecer

²⁷ Evento de produção dos derivados da mandioca.

claramente uma divisão rígida entre o que seria “campo” e “cidade”, em seus aspectos físicos e psíquicos.

Um dos problemas mais imediatos causados pelo deslocamento entre homem e natureza e que tem conseqüências negativas em Queimadas é o início do processo de escassez da água. Essa situação vem tornando-se a cada dia mais comum. Percebi que isso vinha (e vem) causando preocupação aos habitantes da comunidade, receosos da possibilidade de perder a comodidade da água encanada e, principalmente, porque necessitam muito desse bem natural para conseguir manter o nível da produção da sua principal fonte de renda: a goma.

Os constantes racionamentos de água são justificados pela empresa responsável pelo abastecimento. Segundo ela, o alto consumo que a comunidade vem apresentando é incompatível ao número de habitantes, sendo assim, a quantidade de água disponível para esse local não vem sendo suficiente. Essa situação é fruto do crescimento acelerado das casas de farinha, que, como dito anteriormente, precisam de uma grande quantidade de água para que funcionem. Esses problemas, de fato, têm causado preocupações na comunidade, pois tocam em um ponto crucial para eles, a economia que se mantém com as produções das casas de farinha.

4 A ENERGIA ELÉTRICA

Símbolo por excelência da modernidade e, portanto, da cultura citadina, a energia elétrica trouxe consigo a inserção, na vida das famílias de Queimadas, de eletrodomésticos como aparelhos de som, televisores, geladeiras e outros produtos; patrocinados quase que totalmente pela economia gerada nas casas de farinha. Antes, esses produtos eram privilégio das famílias abastadas; funcionando com a energia de baterias, o que tornava seu uso ainda mais reduzido. Essas famílias abastadas detinham o monopólio da produção da farinha e de terras que eram arrendadas para o trabalhador rural no acordo da quinta parte: o dono empresta a terra, o agricultor planta e “divide” a colheita com ele. Os plantadores de mandioca que não possuíam o espaço para tratá-la alugavam a casa de farinha desses proprietários. O pagamento era feito com uma parte da produção, situação essa muito semelhante á dos feudos da Idade Média. A luz elétrica e a água encanada baratearam a construção das casas de farinha, o que quebrou esse monopólio.

Com o *boom* das casas de farinha, aparelhos eletrônicos hoje são muito comuns, mesmo nas casas mais humildes. Avista-se sobre os telhados uma comunidade de antenas parabólicas abertas aos sinais do “mundo” vindos do céu, materializando-se na tela da TV, na sala de visitas.

4.1 A TV

Aparelhos eletrônicos, em especial a televisão, influenciaram comportamentos mais cotidianos como o horário de dormir, ilustrado na fala de uma das moradoras:

Antes, a gente dormia mais cedo por causa da escuridão, que só era menor nas noites de lua [cheia]. Não tinha muita coisa pra fazer, não. A gente comia, antes do anoitecer; tirava uma prosa e ia dormir. Hoje, tem o divertimento da televisão. Quem gosta são os meninos. Os meninos é que ficam até mais tarde. Depois dão um trabalho danado pra se levantar pra ir pra escola de manhã [no dia seguinte].

Dona Fransquinha, outubro de 2007 registro do diário de campo.

Em *O mulato*, de Aluísio Azevedo, romance do século XIX, ambientado em São Luiz do Maranhão, há uma cena de pessoas jantando antes que escurecesse, prática comum em tempos de lampião e lamparinas. Além disso, o momento da refeição era um momento em que as pessoas da família se encontravam e conversavam sobre os mais variados assuntos. Era um momento de integração. Para algumas famílias, era um momento sagrado, marcado pelo sermão paterno que o antecedia. Com a chegada da luz elétrica, em algumas casas, a maioria das refeições é feita agora diante da TV.

A televisão, juntamente com o aparelho de DVD, faz parte do lazer de crianças e adultos, substituindo momentos de ludicidade coletiva entre as crianças, como brincadeiras de esconder e de roda, e trazendo também para o cenário a reprodução de ações de personagens de desenhos animados como os *PowerRanger* e desenhos japoneses que se materializam em brincadeiras que envolvem disputas, competitividade, lutas em que sempre existirá um único vencedor, plantando ainda na infância o futuro ser individual e competitivo do adulto moderno.

Existem casas que ainda não têm aparelhos de TV. As crianças moradoras dessas casas só têm acesso a ela quando freqüentam a casa dos vizinhos. Assim, elas se dedicam mais a brincadeiras como jogar bola, jogar bila, subir em árvores, diferentemente das crianças que têm TV em casa, disponível a qualquer horário. Algumas mães até preferem que os filhos fiquem assistindo TV a saírem de casa, mesmo que eles fiquem por longos períodos em frente à tela.

Ali, a TV também dita comportamentos: das formas de vestir, espelhadas na atriz protagonista da novela das 8, aos produtos alimentícios; das marcas e modelos de celulares, de aparelhos domésticos, aos meios de transporte. Ela funciona como uma espécie de espelho, refletindo o que se tem de fazer para se sentir incluído nas formas de ver e lidar com o mundo das sociedades “modernas”, representadas no imaginário coletivo pela cidade que afasta o campo dessa realidade e de tudo que ela representa, com seus benefícios e problemas.

4.2. *A Geladeira*

Diante das inúmeras adequações e modificações que a televisão possibilitou na vida das famílias de Queimadas, deter-me-ei agora em uma que tem ligação íntima com as minhas pretensões de pesquisa: o consumo alimentício. Se a televisão mostra e direciona o vestir, direciona também o alimentar-se. Diante disso, aparece-nos um outro personagem também possível apenas pela chegada da “modernidade” e da energia elétrica, e pelo crescimento do poder aquisitivo alcançado com o aumento das casas de farinha. Esse outro personagem é peça fundamental no turbilhão de mudança: a geladeira.

A geladeira é outro agente desse processo de desenvolvimento, ou melhor, de mudanças pelo qual vem passando a localidade. Ela está ligada intimamente à modificação dos modos de alimentação lá existentes. Antes, não era possível prolongar a vida útil de vários alimentos, principalmente das carnes, que, para serem preservadas até dias depois do abatimento do animal, precisavam ser salgadas e expostas ao sol. Com a possibilidade de refrigeração, o consumo alimentar passou a ser mais diversificado.

Além disso, os moradores de Queimadas puderam não só experimentar outras temperaturas de água e sucos, mas também consumir outras bebidas como os refrigerantes, hoje tão presentes no dia-a-dia, e também ampliar o cardápio das guloseimas com iogurtes, sorvetes, picolés, antes só possíveis em visitas à cidade.

As pequenas bodegas, que normalmente só ofereciam alimentos não perecíveis, passaram a vender frangos congelados, linguiças, leite pasteurizado. A cerveja amplia o leque de opções de bebidas alcoólicas. Até então, esses lugares só serviam bebidas quentes, normalmente a cachaça, bebida característica da Serra, que tem o respaldo de ser o lugar onde se fabrica uma boa cachaça. Beber cerveja passou a ser sinal de *status*,

pois o preço é bem mais elevado se comparado ao de bebidas quentes outrora populares com a cachaça situação essa bastante presente na preferência dos donos de bodegas pelos que consomem bebidas geladas alcoólicas como a cerveja; Sua popularização acabou por gerar um outro tipo de resíduo: as latinhas de alumínio.

Os pé-de-cana não dão lucro. A cachaça é muito barata e num instante eles ficam bebo, só dá pra tirar um dinheirinho maior com a bebida gelada, com a quente o ganho é muito pouco.

Erivelton, comerciante local, novembro de 2007, registro do diário de campo.

Esses pequenos espaços comerciais sempre foram mistos no oferecimento de seus serviços, funcionam ao mesmo tempo como bares, pontos de lazer dos homens do lugar, principalmente nos finais de semana²⁸. Durante a semana, esses espaços configuram-se como armazéns de alimentos que abastecem as famílias com produtos básicos como o pão²⁹.

5 A MODERNIDADE TRANSFORMA QUEIMADAS

Numa das visitas a Queimadas, levei à casa de seu João Frasa uma sacola com pães — dessas sacolas plásticas, que em todo o comércio substituem, o antigo papel de embrulho. Dei a dona Raimunda, sua esposa, as sacolas iguais as que em outra ocasião a vi guardar como se fossem objetos de valor, para que ela se livrasse delas. Perguntei o que faria e ela disse que ia jogar no lixo. Pedi para acompanhá-la, pois não percebi nenhum cesto de lixo na casa. Dona Raimunda levou o saco e os papéis a um buraco, que ela chama de “barreiro”, cavado no meio do terreiro, uma espécie de depósito de lixo doméstico e material descartável, restos do consumo diário da casa. Essa prática se faz presente quase que em todas as residências, re-significando os espaços. Antes, os buracos que se abriam nos terreiros abrigavam sementes que germinariam e serviriam de alimento. O que era comum nos quintais era o aproveitamento do solo para pequenas plantações de abóbora, milho, feijão, que agora perderam espaço para essa nova necessidade: livrar-se, de alguma forma, dos resíduos diários³⁰.

²⁸ Na composição do espaço desses lugares, vê-se uma mesa de sinuca onde sempre há quem se distraia, normalmente homens, jogando sinuca ou outros jogos de azar, como o baralho.

²⁹ O que só era possível aos domingos, pois só nesse dia o padeiro por lá passava. Hoje, com a utilização de motos também compradas com os lucros das casas de farinha, esses pequenos comerciantes trazem esse produto para ser comercializados, todos os dias da semana.

³⁰ Já que na zona rural não existe coleta pública

Assim, o homem dessa nova condição, o homem moderno, cria uma nova humanidade. Uma humanidade capaz não só de controlar a natureza, mas de esgotá-la.

Em Queimadas não existe tratamento de esgoto. Os dejetos advindos de banheiros são normalmente direcionados para fossas e os resultantes de outros setores da casa, como da cozinha, correm a céu aberto. Todo o processo de produção da goma e da farinha requer uma grande quantidade de água que não fica retida no produto final. O que é expelido durante a produção é bastante tóxico e recebe o nome de manipueira. A manipueira se acumula então nos quintais próximos às pequenas fábricas. Dependendo da produção, esses resíduos adentram os espaços por onde trafegam os moradores como uma espécie de lama. Esse líquido penetra no solo e pode vir a contaminar os lençóis de água dada a sua capacidade tóxica. Além disso, sem fim específico ou tratamento especializado, acabam por deixar o ambiente cada vez mais revestido de um aspecto de sujeira, pois misturando-se à manipueira se encontra o lixo doméstico, caracterizado por restos alimentares e materiais descartáveis, agravando ainda mais essa atmosfera insalubre.

Quando acumulada, a manipueira exala uma espécie de cheiro azedo, estragado, algo que fica cada vez mais perceptível quando se está próximo de uma dessas casas de farinha. Nas casas que ao fundo mantêm essas pequenas fábricas, a sujeira é bastante agressiva aos olhos. O mais interessante de tudo, é que essa sujeira só incomoda às pessoas que, por ventura, venham de fora visitá-los. Os moradores não deixam transparecer, em nenhum momento, algum incômodo gerado por essa situação. Os que residem próximo a essas casas de produção de farinha e goma ao serem questionados pelo mau cheiro da lama não demonstram nenhuma espécie de infortúnio e dizem nem sentir esse mau cheiro³¹.

Situação semelhante é ilustrada no *making off* do filme *Narradores de Javé*³², que narra a história da desocupação de uma cidade para a construção de uma barragem no Nordeste. Nos comentários dos responsáveis pela produção do longa-metragem, eles contam que levaram bastante tempo entre a chegada no lugar, uma comunidade no interior da Bahia, escolhido para as gravações, e o começo das filmagens, devido o processo de convencer a população da necessidade de “limpar” o lugar, já que os moradores pouco ou nada se incomodavam com o lixo lá existente.

³¹ Isso parece de fato ainda não ser considerado problema por eles. O que parece de fato importar é a possibilidade de trabalho, antes tão escasso.

³² Eliane Caffé. Vídeo Filmes, 2003. 102 min.

Ao longo da inserção no campo, pude perceber que grande parte do lixo estava ligada a materiais resultantes do consumo alimentício e materiais de limpeza. Os hábitos alimentares das famílias sofreram grandes mudanças com as possibilidades oferecidas pela geladeira e pela diversidade de produtos hoje disponíveis nos comércios locais. Um dos exemplos que posso citar é a substituição da rapadura pelo açúcar para adoçar o café ou sucos. Situação parecida ocorreu com materiais de limpeza como o sabão; antes produzido em casa, hoje comprado pronto em embalagens que serão descartadas logo o conteúdo seja todo consumido.

A inserção de produtos industrializados aumentou consideravelmente a presença de refrigerantes, por exemplo, que em algumas casas substitui os sucos. O refrigerante, outro símbolo de *status* tem seu lugar garantido no almoço de fim de semana, exercendo grande prestígio no paladar das famílias de Queimadas.

Almoçando uma vez na casa de uma das informantes, ela me perguntou se eu queria um “guaranazim”. Qual não foi sua surpresa quando eu disse que preferia água a refrigerante! Seguiu enchendo os copos dos filhos, mesmo dos menores, com o líquido tão bem-quisto por eles. Ação que poderíamos considerar só como uma preferência de paladar sem nenhum problema maior, não fossem os males ao estômago e dentes que bebidas como refrigerantes podem causar, principalmente às crianças. Mas essa presença tão constante de refrigerantes traz consigo também a presença de suas tão práticas embalagens, as garrafas *pet* que, por conta do alto consumo do produto, mesmo sendo elas em alguns casos aproveitadas para armazenar cereais, compõem uma grande parte dos materiais descartados sem fim específico.

Além da diversidade de produtos industrializados oferecidos nas bodegas, as sacolas plásticas têm ali uma incrível aceitação. Ninguém escapa de sair de algum estabelecimento sem um exemplar delas, pois soam como sinônimo de comodidade, e cada comprador leva para casa não só o produto que desejava consumir mas também esse símbolo da praticidade urbana que, de forma quase que total, fez desaparecer os antigos papéis de embrulho.

As sacolas plásticas de que se serve o comércio para acomodar os produtos vendidos aumentam cada vez mais o lixo inorgânico que as localidades produzem, na tentativa de cada vez mais aproximarem-se do estilo de vida urbano.

O plástico hoje vem substituindo cada vez mais objetos de madeira, metal e vidro, principalmente na vida doméstica e nas indústrias. Embalagens de gêneros alimentícios, mesas, cadeiras, pratos, baldes, tudo o que se pode produzir com o plástico

(mais prático e mais barato), tem uma vida útil muito menor, e logo são “devolvidos” ao meio ambiente. Sem mais uso prático, esses objetos acumulam-se em forma de lixo, poluindo o lugar.

Em Queimadas existe também um grande número de pessoas idosos que, uma vez por mês, deslocam-se de suas casas, sozinhas ou acompanhadas de algum(a) neto(a) ou filho(a), para receber seu benefício na cidade de Viçosa. Esse movimento aquece o comércio nos primeiros dias do mês, pois muitas delas gastam grande parte do dinheiro em produtos alimentícios. Ao acompanhar uma dessas, pessoas observei o que elas levavam para casa, dentre os produtos estavam biscoitos recheados, fardos de açúcar, refrigerante, iogurtes, sabão em pó, desinfetantes, “chilitos”³³ e balas para as crianças. Conversei com alguns donos de armazéns e um deles me assegurou que “nenhum aposentado vai para casa sem o seu fardo de Big gim³⁴” e que produtos do mesmo nível desse refrigerante têm venda certa para esse público, coisa com a qual concordam todos os comerciantes entrevistados.

Após o consumo desses produtos, geralmente industrializados, além dos restos alimentares propriamente ditos, são descartadas as suas embalagens, fazendo acumular-se nesses ambientes o lixo. Ao questionar um dos moradores pela escolha do café industrializado, ao invés do café torrado e moído em casa, ele responde que é mais fácil comprar o café pronto. Além disso, devido à ação de conservantes, os alimentos industrializados normalmente têm uma vida mais longa.

Muitos dos interlocutores apontam as facilidades ligadas a esses produtos para justificar o seu alto consumo, mas percebo que vai além do discurso da facilidade, pois o que observei foi uma preferência por alguns produtos que mantinham uma ligação íntima com os comerciais da TV; relação que se manifesta de forma mais latente nas crianças que, na hora de escolher um chiclete, por exemplo, não o fazem de forma aleatória, levam para casa o do desenho animado de sua preferência³⁵.

Em nenhum deles pude perceber algum tipo de incômodo quanto aos acúmulos dos restos do que eles chamam de “facilidade” comportamento semelhante aos males causados pelos resíduos das casas de farinha, manipueira, que passam despercebidos. O discurso da facilidade oferecida pelas invenções práticas da vida moderna é muito presente na fala desses moradores. Eles lembram de ocasiões simples da vida cotidiana

³³ Marca de salgadinho de milho.

³⁴ Marca de refrigerante popular, de valor mais acessível.

³⁵ Entre as meninas os produtos que carregam a marca da *hellokitt*.

como o local onde se banhavam os bebês: antes, grandes coités³⁶; hoje, práticas banheiras de plástico. Os moradores ainda lembram as mudanças ligadas ao leite que serve de alimentação para os bebês: antes, leite de vacas adquiridas por ocasião do seu nascimento; hoje, leite em pó ou mesmo o leite pasteurizado, que é prático e pode ser comprado em qualquer bodega do lugarejo.

Podemos, a partir disso, apontar, mais uma vez, o deslocamento do homem da natureza, quando a mãe prefere alimentar a criança pequena com um leite que passou por um processo industrial a ter que amamentá-lo, sem considerar que esse processo industrial pode diminuir o valor nutricional desse alimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos poucos, ao longo de alguns anos, a cada visita que fazia a Queimadas, percebia essas mudanças: o ambiente se tornava cada vez mais sujo. Ao longo do caminho, as cercas adornavam-se com brilhantes sacolas de plástico, que alçavam vôo a cada vento mais forte, rodopiando pelo ar, sem paradeiro. No caminho que faço à pé e que antecede Queimadas: quanto mais se aproximam as casas, mais latentes ficam os vestígios da civilização: sacos plásticos, copos descartáveis, latas, garrafas *pet* ajudam a formar a paisagem. Latas de leite vazias, embalagens de produtos de limpeza com rótulos já descoloridos, potes de iogurte vazios, caixas desbotadas de sabão em pó que, de forma quase tão natural quanto os pés de cajueiro, parecem agora também parte do cenário e da natureza. Tudo isso adentrando plantações e acumulando-se nos quintais à espera de um vento mais forte que os espalhe por todos os espaços, sem mais vida útil; apenas restos, vestígios de uma presença que se consolida cada vez mais: influência urbana.

O que é latente aos olhos é o desenho da paisagem acrescentada a esses objetos. As sacolas que se enfileiram sobre cada pau-de-cerca e galhos de árvores, como se fossem bandeiras hasteadas, bandeiras que sem letreiro algum conseguem dizer “a modernidade está aqui”, fincando o nosso rastro: o homem moderno da Era do Plástico.

A mudança em algumas das práticas cotidianas em Queimadas, ocasionada pelos fatores mencionados anteriormente, facilitou o cotidiano domiciliar e o trabalho dessas

³⁶ Coité é um termo utilizado para designar uma planta da família das curcubitáceas cuja casca do fruto, bastante resistente, era utilizada para a fabricação de utensílios domésticos hoje substituídos, principalmente, por bacias, vasilhames e baldes de plástico.

peessoas. Antes, tinham a vida ditada pelos fatores naturais. Agora, sobrepõem-se a esses fatores, quando, por exemplo, rompem a escuridão da noite com um simples tocar de dedos no interruptor da lâmpada, ou quando têm a possibilidade de prolongar a vida útil da carne para o consumo.

Esses benefícios, as facilidades da vida moderna oferecidas pelo forno-microondas, pelas máquinas-de-lavar, é que alguns dos moradores reconhecem através de uma frase muito repetida entre eles, quando dizem que “hoje tudo é mais fácil”. Facilidades essas que em tom cada vez mais alto nos cobram seus custos.

BIBLIOGRAFIA

AUERBACH, Erich. **Introdução ao Estudos Literários**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1972. p. 159.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BOSI, Ecléa. “Cultura e desenraizamento”. In: BOSI, Alfredo.(org.).**Cultura Brasileira: temas e situações**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

BRAGA, Rubem. **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1991.

BRITO, Farias. **A base física do Espírito**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.

CARRIL, Lourdes. **O moderno e o descolamento da natureza**. Relatório de Qualificação de Doutorado pelo Programa de pós-graduação em Geografia Humana pela USP- novembro de 2002.

PEREIRA, Maria Eliza Mazzilli; GIOIA, Sílvia Catarina. “Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição” in: ANDERY, Maria Amália et al. **Para Compreender a Ciência: uma perspectiva histórica** Rio de Janeiro/São Paulo: Espaço Tempo/EDUC, 1988. p. 157-174.

REIS, Nestor Goulart. **Evolução Urbana do Brasil (1500-1720)**. Em <http://www.usp.br/fan/dephistoria/lap/puevourb.html>. Acesso em: 18 de março de 2008.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental” em **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar ed, 1967.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. M. **Formação do Brasil Colonial**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.